

# Adições a Drogas e a Pessoas

Ensaio | Trabalho apresentado no VI Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D.W. Winnicott – 24 de setembro de 2011.

**Caroline Milman**

Psicanalista da Sociedade Brasileira de  
Psicanálise de Porto Alegre.

O título desta mesa é bastante desafiador. O tema das adições é muito examinado em psicanálise, mas me pergunto se é o tema mais examinado em Winnicott. Fazendo uma manobra mental, acabei adaptando o título para “dependência a drogas e a pessoas”, e por bastante tempo trabalhei com este título na cabeça. Isto não tornou a questão menos instigante, embora a palavra “dependência” revele um terreno mais seguro em se tratando de Winnicott. Qual não foi meu espanto quando ao revisar o programa deparei-me com o presente título, que falava em “adição”. A primeira grande questão estava lançada: afinal, poderia transpor-se adição para dependência?

Talvez sim, mas se o tema fosse dependência a drogas e a pessoas, ficaria colocado um vasto terreno de possibilidades, já que Winnicott tratou os caminhos da dependência como a pedra angular de suas ideias. Falar em dependência a drogas talvez levasse à adição, como sinônimo, mas o mesmo não aconteceria com a dependência a pessoas, que se enquadraria numa gama tão abrangente de possibilidades, que, exagerando, poderíamos dizer que dependentes todos somos e que portanto não há muito a falar sobre isso. A não ser que fizéssemos um estudo apurado de cada etapa da dependência e isso envolveria um estudo clínico profundo. Devemos então examinar as adições no contexto winnicottiano.

Winnicott focou sua atenção em examinar o desenvolvimento do ser; de um ser pleno, de um ser escondido, embora pleno, de um ser paralisado, sacrificado, dissociado, não integrado, fragmentado, de um ser que busca ser indenizado, de um ser isolado, enfim... Ele não gostava de tratar os assuntos humanos com terminologia metapsicológica, falar em mecanismos mentais como engrenagens de um aparelho. Não que discordas-



se, mas é que concluiu que o papel do ambiente e a dependência do bebê eram fatos indissociáveis a qualquer tentativa de teorizar o psiquismo humano. Vemos que o papel do ambiente também era reconhecido por Freud e todos que se seguiram, mas o que Winnicott denunciava era que nenhum autor ocupara-se em desmembrar o comportamento do ambiente tão acuradamente quanto desmembrava-se os mecanismos psíquicos. O ambiente, para Winnicott, não era importante, era essencial e não podia ser tomado como certo ou óbvio, e mesmo que fosse reconhecido como perturbado, não bastava que isso fosse revelado numa frase. Creio que por isso foi ficando sem sentido qualquer aporte metapsicológico que não reconhecesse o completo papel do ambiente. Para ele, pensar na natureza e nos destinos da pulsão estava correto teoricamente, mas sem saber o que acontecia concomitantemente no ambiente inicial significava impossibilidade de usar tal conhecimento para a psicanálise. Assim, unindo o que já se tinha em termos de compreensão de mecanismos psíquicos, com o papel do meio ambiente inicial, emerge a idéia de pessoa, de ser. Tudo converge para o exame de como uma pessoa chega de fato a ser uma pessoa. Trata-se de entender, portanto, o que facilita e o que impede estes caminhos.

Se os outros autores não destrincharam o ambiente, embora o reconhecessem, Winnicott não explorou o mundo interno, embora o reconhecesse. Isto poderia ser uma espécie de crítica a sua obra; não creio que ele se importasse muito com isso. E esta crítica poderia ser rebatida com alguma facilidade. Alguém que descobre algo precisa mergulhar nisso e sente que precisa defender sua idéia. Não é possível tratar de todos os ângulos de um mesmo fenômeno. Freud descobriu a psicanálise. Klein descobriu a amplitude do mundo interno das crianças, mesmo as bem pequeninas, e teve razão em dedicar sua vida a isto e deixar que seus sucessores e o próprio movimento psicanalítico tratassem de relativizar as coisas. Ela estava muito ocupada com sua descoberta para se preocupar com o que estava deixando de lado. E Winnicott instalou na psicanálise o papel do ambiente e felizmente dedicou-se, com o mesmo empenho de Klein, a decodificá-lo.

Se este trabalho iniciou assim foi em função das muitas dúvidas em como integrar os fenômenos das adições à obra de Winnicott. Ele examinou em detalhes as consequências das falhas do ambiente para o desenvolvimento emocional primitivo, mas não parece, ao menos até onde pude

revisar, que tenha mencionado diretamente os processos compulsivos relacionados a estas falhas. Se incluiu estes fenômenos no que chamou de psicose, não fica claro para mim. Mas pode tê-lo feito retroativamente. Menciona o “vício em drogas” como um dos destinos para a relação com o objeto transicional. Em seu clássico estudo sobre objetos e fenômenos transicionais (1975), confere o devido lugar a esta zona intermediária de experiência, não deixando de assinalar a vulnerabilidade desta conquista. Esta é uma conquista que, para se preservar e gerar seus frutos para a vida, depende do equilíbrio ótimo que se estabelece entre o objeto interno e o objeto externo. Ou seja, para que o objeto interno esteja vivo o suficiente para contribuir na possibilidade da criação de um objeto transicional, é necessário que a mãe real e externa esteja por perto. Se ela se ausenta por um tempo maior do que a capacidade do bebê de mantê-la viva internamente, o objeto interno se esvai e junto com ele o transicional. Em outras palavras, está aí se criando a delicada possibilidade da constância objetal. Inúmeras situações ocorrem neste período e Winnicott ocupou-se em descrever um bom número delas. Na melhor das hipóteses a mãe sustenta no tempo este enorme desafio que a criança passa a ter, que é colocá-la (a mãe) para fora da área de seu controle onipotente. Enquanto a criança precisa começar a gerar um mundo interno, a mãe deve estar ali à espera do produto final que lhe será oferecido: é fundamental que ela esteja ali para receber. Mas muitas vezes as coisas não andam bem nesta etapa. Seja porque algumas mães não toleram os esforços dos filhos para se separar dela, seja porque algumas mães têm depressões ou outras patologias, seja porque a mãe de fato precisa se ausentar ou morrer, o fato é que muitas vezes a transicionalidade não se sustenta e o que permanece parece ser o que Winnicott coloca no seu adendo ao “objetos transicionais e fenômenos transicionais”, publicado em “O Brincar e a Realidade” (1975, p.31): “Exatamente antes da perda, podemos às vezes perceber o exagero do uso de um objeto transicional como parte da negação de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido”. A partir desta frase, no texto, ele menciona o caso do menino que se relacionava compulsivamente com cordões. Este menino de sete anos reagia a recorridos episódios de depressão materna e veio a se tornar um adolescente drogadito e imobilizado na vida. Observa-se então que Winnicott associa o uso de drogas, pelo menos neste trabalho, a um exagero do uso do objeto transicional para negar uma perda. O objeto transicional não serve para negar uma separação, e sim, para auxiliar neste caminho. A separação está presente tanto quanto a fusão. Nada é



negado. Mas nos fetiches, drogas, rituais obsessivos, predomina um uso para a negação, conferindo um aspecto compulsivo. No entanto, neste trabalho, Winnicott não falou tanto em “compulsão”, e sim em “exagero”. Não podemos deixar de observar que aqui Winnicott está se referindo a uma regressão. Ou seja, a compulsão neste caso viria da perda de um objeto interno, ainda não suficientemente firmado. Temos, portanto, uma hipótese. Embora não pareça que Winnicott tenha situado diretamente as adições como parte de um fracasso original, ele poderia ter chegado nisso através da descrição de uma regressão? Uma regressão onde a repercussão poderia chegar ao nível de uma não ligação primária?

No artigo “Psicoterapia dos distúrbios de caráter” (1990) Winnicott novamente refere-se a um tipo de atividade compulsiva: desta vez está examinando as diversas formas que uma pessoa encontra para acomodar sua tendência anti-social. Esclarecendo que uma tendência anti-social, para ele, origina-se sempre de uma privação. Algo originalmente satisfatório é perdido, gerando como consequência um movimento de “pedir” de volta ao ambiente aquilo que lhe foi retirado. Explica então que esta tendência anti-social às vezes se manifesta como um distúrbio de conduta e às vezes não se manifesta explicitamente mas necessita ser acomodado, ocasionando distúrbios de caráter. Quanto aos distúrbios de conduta ele coloca: “Este último [...] está sempre associado à esperança e é ou da natureza do roubo, ou atividade agressiva ou destruição. É compulsivo” (p. 185). Também neste contexto a compulsão refere-se a uma reação emocional diante de uma perda. Pode ser que Winnicott esteja compreendendo de forma equivalente a perda do objeto transicional ou a perda de qualquer outro aspecto positivo e fundamental ligado às necessidades da criança. Seja como for nota-se que ele não vincula a compulsão a uma não ligação primária e sim a uma ligação primária que foi perdida.

Ogden (1989), ao examinar a psicopatologia do espaço potencial, diz que esta acontece, quando, por qualquer razão, se produz uma interrupção prematura da unidade mãe-bebê. Ele menciona quatro espectros patológicos: a) quando a dialética fantasia/realidade tende mais para o polo da fantasia, b) quando tende mais para o polo da realidade, c) quando predomina uma dissociação (fetichismo) ou, pela impossibilidade de tolerar tais vivências, poderosos mecanismos defensivos retiram o sentido das percepções. “Mais que negar a fantasia ou a realidade o que sucede é que

não se cria nenhuma das duas” (p. 168). Em sua lista, como o autor diz, “não exaustiva”, não há espaço para o fenômeno compulsivo, o que não deixa de ser interessante, já que o exemplo do menino aderido compulsivamente a cordões situa-se justamente no que Winnicott refere como a patologia dos objetos transicionais.

Justamente aqui se instala uma encruzilhada teórica: com todo o arcabouço que a psicanálise nos legou, é possível pensar a compulsão como a negação de uma perda? (Portanto uma defesa). Ou teríamos que necessariamente escalar o universo metapsicológico (ao que não se propôs Winnicott) e fundamentar este fenômeno na concepção clássica: o que não se tornou psíquico. Com a forte sensação de que não encontraremos em Winnicott todo o respaldo necessário para entender as adições e outras compulsões, proponho a ideia mais simples e clinicamente observável: uma adição é a tentativa de ligar uma energia que ficou solta, que não encontrou um objeto. Por paradoxal que seja, quanto mais prevalece a marca da ausência do objeto, mais materializa-se à nossa frente o fato de que há um psiquismo a ser criado. E uma compulsão parece ser flagrantemente esta parte não psíquica, que seguirá sua luta incessante por tornar-se psíquica, com poucas chances de vir a sê-la: (como torná-la psíquica – um desafio clínico) - uma falha na arquitetura da mente. Um psiquismo pode ser psicótico, dissociado, integrado, mas o lugar da compulsão é qual? Uma compulsão representa a falência do psíquico? Ou pode ser algo que deixou de ser psíquico? A psicose cria alucinação, mas a compulsão cria o que? A compulsão pode ser vista como um espaço em branco no psiquismo, relacionado a um significativo fracasso do ambiente em se apresentar à necessidade do bebê. E não se trata de apresentar-se mal, e sim de não se apresentar. Há a continuidade do caminho, há outras boas ligações que poderão contribuir para muitas outras áreas sadias da personalidade, mas algo ficará de fora.

Qual a natureza do objeto que alavancaria o tipo de consequência descrita num fenômeno compulsivo? Pela obra de Winnicott nós visualizamos a “mãe” narcisista, que não exerceu sua função de espelho; a mãe deprimida, que oscilou na qualidade de sua ligação com o bebê; a mãe suficientemente boa, que se afastou abruptamente em algum momento posterior; a mãe invasiva; mas a mãe do compulsivo, era como? Arrisco a dizer que o objeto do compulsivo não foi, não era, pelo menos em algum momento importante, não esteve quando deveria estar. Mas que em ou-



tros momentos e de alguma forma, pode ter sido satisfatório, até o ponto de contribuir para uma estrutura mais ou menos fortalecida. Estamos na ordem do trauma. O trauma pelo excesso de estímulo no aparelho mental, tal como a clássica definição de Freud. E o que pode melhor representar o excessivo do que uma tensão que não tem fim, que não encontra um objeto de satisfação? É possível que níveis elevados de violência sofridos por um psiquismo, mesmo que saudável e num momento posterior, possa recolocar as coisas de forma a devastar o que já foi construído até o ponto de não sobrar objeto algum, caindo assim numa compulsão reativa. Mas isto é outra hipótese. Parece simples e conciliador pensar que onde tem adição, ausentou-se o objeto. Talvez a simplicidade desta frase não anule sua verdade.

Por que a adição se ligaria às drogas, ao jogo, ao comer ou a qualquer outra atividade, incluindo os rituais obsessivos, aí parece entrar fatores familiares, culturais e por que não dizer, incidentais. Também há variações importantes no que se refere ao tipo de adição e sua vizinhança com a morte e o grau de capacidade do indivíduo em equilibrar sua vida, fazendo compensações e trâmites que possam amenizar as consequências. Tudo isto parece pertencer a um espectro, que nos exigiria um estudo aprofundado das raízes da compulsão. E as adições a pessoas neste contexto? Ainda estaríamos falando do mesmo processo ou teríamos que pensar em algo substancialmente diferente? É possível uma pessoa tomar o lugar de objetos de adição como drogas ou álcool? É possível falar em adição a pessoas, ou o mais adequado seria falar em dependência exagerada a pessoas? Algo me sinaliza que, mesmo tratando-se de uma ligação de aspecto compulsivo, o fato de ser com uma pessoa revela algum tipo a mais de esperança. E na realidade trata-se aí de duas pessoas, uma que adere e outra que entra por algum motivo numa relação desta natureza, conferindo um padrão mais dinâmico do que na relação com um objeto inanimado como droga, álcool, comida ou dinheiro. Sem contar que a adição a pessoas denota a anulação psíquica, (relação assimétrica, como descreve Piera Aulagnier, 2004), mas a idéia de morte é mais afastada. Se o raciocínio seguir na linha do não objeto, quem sabe na adição a pessoas, alguma parte do objeto se preservou, mesmo que ínfima e continuamente sob ameaça de desaparecer. Mas isto é mais uma hipótese.

## Referências

AULAGNIER, P. **Los Destinos del Placer** - Alienación, amor, pasión. Buenos Aires: Paidós, 2004.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OGDEN, T. **La Matriz de la Mente**. Madrid: Tecnipublicaciones, 1989.

WINNICOTT, D. Objetos transicionais e fenomenos transicionais. In: \_\_\_\_\_.  
**O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia dos distúrbios de caráter. In: WINNICOTT, D. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Caroline Milman

Av. Carlos Gomes, 1610/202

90480-002 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: carolinemilman@terra.com.br